

DOCÊNCIA ADMINISTRADA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA AUTONOMIA DO PROFESSOR

Administered teaching: critical analysis of teachers autonomy

Enseñanza administrada: un análisis crítico de la autonomía del profesor.

IVAIR FERNANDES DE AMORIM

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
ivairfernandesamorim@gmail.com

RESUMO O presente texto tem como objetivo apresentar dados, obtidos por ocasião do curso de doutoramento, que analisaram a autonomia docente frente à adoção de sistemas apostilados de ensino em escolas públicas municipais. Discorre sobre o conceito de autonomia adotado no trabalho, buscando esclarecer a compreensão kantiana do termo. Em seguida, apresenta os dados obtidos por meio de pesquisa empírica, que revela tanto características inerentes ao material apostilado quanto hábitos e posturas dos docentes ao utilizá-los. Os dados colhidos são, então, problematizados por meio do emprego da Teoria Crítica, mais especificamente, a partir dos conceitos de Indústria Cultural e de Sociedade Administrada. Por fim, propõe a reflexão acerca do conceito de Docência Administrada, com o intuito de realizar uma crítica fundamentada na possibilidade de autonomia docente frente a rígidos padrões de controle.

PALAVRAS-CHAVE: INDÚSTRIA CULTURAL; DOCÊNCIA ADMINISTRADA; SISTEMAS APOSTILADOS DE ENSINO; AUTONOMIA DOCENTE.

ABSTRACT This text features data resulting for doctorate course, which analyzed the teacher's autonomy in relation to adopting the Education Systems in municipal public schools. Its talks about autonomy concept used in the work which is Kant's theory. Then it features data coming the empirical researches that revealed Education Systems' characteristic and the teacher's habits and behaviors that use them. The obtained data are problematized from the Critical Theory, especially, from the Cultural Industry and Administered Society concepts. Lastly it proposes reflect about Administered Teaching, with intent realizing one fundamentally critical in the possibility the teacher's autonomy in relation to the hard standards of control.

KEYWORDS: CULTURAL INDUSTRY; ADMINISTERED TEACHING; EDUCATION SYSTEMS; TEACHER'S AUTONOMY.

RESUMEN Este artículo tiene como objetivo presentar los datos obtenidos durante el programa de doctorado, que analizó la autonomía docente contra la adopción de sistemas apostillados educativos en las escuelas públicas. Discute el concepto de autonomía aprobado en el trabajo, con el objetivo de aclarar la comprensión kantiana del término. A continuación, se presentan los datos obtenidos a través de la investigación empírica, que revela características inherentes del material apostillado y hábitos y actitudes de los profesores que lo usan. Los datos recogidos entonces se problematizan mediante el uso de la teoría crítica, más específicamente, de los conceptos de la Industria Cultural y Sociedad Administrada. Por último, se propone una reflexión sobre el concepto de la enseñanza administrada, con el fin de llevar a cabo una revisión basada en la posibilidad de la enseñanza de la autonomía frente a las normas de control estrictas.

PALABRAS CLAVE: INDUSTRIA CULTURAL; ENSEÑANZA ADMINISTRADA; SISTEMA DE APOSTILLAS; AUTONOMÍA DEL PROFESOR.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época onde a proliferação de dados instaura uma atmosfera de constante renovação e incessante produção de novos conhecimentos. Esse ambiente contemporâneo tem como suporte as novas tecnologias da informação e da comunicação, nitidamente marcadas pelas características de interatividade e comunicação em tempo real, comuns às redes sociais.

Nesse contexto, ressaltam-se questões relativas às habilidades necessárias para a inserção dos indivíduos neste panorama *high tech* denominado sociedade da informação. Nessa perspectiva, vivemos um momento em que a demanda por educação é bastante grande e cada vez mais as discussões efetuadas dentro e fora da Academia apontam para a Escolarização de Qualidade como um requisito para o desenvolvimento social e para a garantia de efetiva participação dos indivíduos das benesses da sociedade capitalista contemporânea.

Dessa forma, a atividade docente recebe um destaque, ao menos no plano conceitual, como ação mediadora que irá garantir às novas gerações a aquisição do conhecimento necessário para uma formação condizente com as exigências atuais.

Especificamente no caso brasileiro, os debates sobre as questões educacionais são complexos e estão imbricados por diversas forças e tendências, em muitos casos antagônicas, que buscam efetivar diferentes objetivos, atendendo a interesses que ora privilegiam um grupo, ora outro, que compõem a nossa sociedade.

Entre a diversidade de questões levantadas acerca da atividade docente, sempre nos preocupou a questão da autonomia desse profissional encarregado de educar crianças, jovens e adultos. Por ocasião da realização do curso de doutoramento¹ tivemos a oportunidade de realizar pesquisa que contribui para a discussão a esse respeito.

Para tanto, realizamos a análise de uma atitude que recorrentemente vem sendo adotada pelas administrações municipais como tentativa de garantir a qualidade da escola pública: a Adoção de Sistemas Apostilados de Ensino.

¹ Tese intitulada: INDÚSTRIA CULTURAL E SISTEMAS APOSTILADOS DE ENSINO: a docência administrada. Defendida em 11/12/2012. Sob a orientação da Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira.

A escolha do objeto de pesquisa, foi motivada por pesquisas anteriores,² que demonstraram que os materiais adotados por escolas públicas, sob o pretexto de elevação dos níveis de qualidade, constituíam-se mercadorias comercializadas sob um forte signo da formatação do trabalho do professor como índice de garantia de desenvolvimento mínimo necessário à eficácia educacional. Dessa forma, acreditamos que a análise da inserção, nas escolas públicas, de apostilas produzidas e comercializadas por empresas privadas, seria bastante reveladora do processo pelo qual os docentes efetivam ou não o exercício da autonomia em sala de aula.

Com o intuito de exibir as conclusões obtidas nesta empreitada, apresentaremos a seguir o conceito de autonomia que elegemos para as reflexões realizadas; uma breve contextualização da inserção de Sistemas Apostilados de Ensino nas Escolas Públicas; exposição do aporte teórico utilizado para efetuar a crítica dos dados obtidos e, por fim, a apresentação do conceito de docência administrada.

Antes de assim procedermos, é preciso que seja feita uma breve explanação sobre a metodologia empregada na pesquisa realizada por ocasião do curso de doutorado. A tese obtida por meio dessa pesquisa foi fruto de pesquisa teórica e empírica, e pode ser dividida em três partes: Fundamentação Teórica; Análise dos Dados da Pesquisa Empírica e Problematização dos dados teóricos e empíricos. No primeiro momento da pesquisa, foi feita ampla análise da literatura científica existente, a fim de buscarmos subsídios tanto a respeito do atual contexto de utilização de apostilas e da crescente demanda por tecnologias educacionais, que primam pela padronização e controle, quanto acerca das principais contribuições de pensadores que analisaram os mecanismos sociais de controle.

Na primeira parte do trabalho foi possível apresentarmos fundamentos que, ao mesmo tempo, indicam a pertinência do objeto estudado e justificam a nossa escolha pelo referencial da Teoria Crítica, em especial, por meio dos conceitos de Indústria Cultural e de Docência Administrada, que propiciam a compreensão de como o fetiche da mercadoria possibilita um eficaz mecanismo de controle devido à ilusória sensação de autonomia dos indivíduos.

Na segunda parte do estudo, procedemos a uma pesquisa de campo, caracterizada como estudo de caso, onde tivemos contato com professores de dois municípios do Noroeste do Estado de São Paulo, mais adiante serão apresentados mais dados relativos à essa etapa. Com a pesquisa empírica buscamos subsídios para discutir a autonomia docente frente à utilização de apostilas e buscar subsídios que confirmassem ou refutassem a existência da docência administrada.

Os dados obtidos na primeira e segunda partes do trabalho foram problematizados e apresentados no terceiro e último momento da pesquisa a título de conclusão. Passemos à apresentação dos dados obtidos.

Primeiramente, gostaríamos de esclarecer que o conceito de autonomia que adotamos, como princípio norteador de nossas pesquisas, é aquele fundado no pensamento kantiano.

No texto, Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?, datado de 1783, o Filósofo Immanuel Kant postula:

² Realizadas por ocasião do curso de Mestrado. Conferir AMORIM (2014).

Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. (KANT, 2005, p.63).

Podemos, embasados por Kant, postular que a autonomia é, portanto, elemento constitutivo do processo de esclarecimento, pois o indivíduo emancipado, capaz de autogerir-se e conseqüentemente livre da tutela de outrem possui uma existência autônoma. Dessa forma, podemos dizer que a autonomia, nessa perspectiva, é a capacidade do indivíduo esclarecido de agir por seu próprio entendimento.

Ao realizar a pesquisa de doutoramento partimos pois do pressuposto de que “Parece-nos bastante evidente, devido à sua natureza, que o exercício da docência pressupõe autonomia e que o professor deve ser um profissional culto e adepto da atividade autorreflexiva. (AMORIM, 2012, p. 90)

Partindo desse pressuposto e, tendo verificado que as apostilas adotadas pelas escolas públicas são mercadorias, perfeitamente enquadradas como produtos da Indústria Cultural,³ passamos a nos perguntar quais as conseqüências, para o exercício da autonomia docente, do uso de Sistemas Apostilados de Ensino.

Tal preocupação reside no fato de que:

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massa é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.114).

E de fato, a inserção de Sistemas Apostilados de Ensino apoia-se, em grande medida, no mote marqueteiro, de que o material didático apostilado é um elemento promotor da qualidade educacional por garantir que todos os alunos de determinada rede serão ensinados por meio de um material igualmente formatado, o que reduziria a possibilidade de que professores mal preparados negligenciassem conteúdos importantes.

A ideia subjacente a esse postulado é a de que o trabalho docente pode ser reduzido à tarefa operacional, onde o professor é responsável por aplicar os métodos e técnicas previamente selecionados para o desenvolvimento de determinado conteúdo. Levado ao extremo, o sucesso dessa empreitada significaria que o docente ao atuar não agiria por seu próprio entendimento, mas estaria submisso ao entendimento programado pelo Sistema Apostilado, ou seja, o profissional do ensino estaria sob tutela de sua ferramenta (apostila).

³ “Tudo indica que o termo indústria cultural foi empregado pela primeira vez no livro *Dialektik der Aufklärung*, que Horkheimer e eu publicamos em 1947, em Amsterdã. Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por “indústria cultural”, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, da forma contemporânea da arte popular” (ADORNO, 1987, p. 287)

Os docentes inseridos nessa realidade seriam, portanto, indivíduos semiformados. Observando-se que:

Compreende-se o conceito de semiformação justamente pela tentativa de oferecimento de uma formação educacional que se faz passar pela verdadeira condição de emancipação dos indivíduos quando, na realidade, contribui decisivamente tanto para a reprodução da miséria espiritual como para a manutenção da barbárie social. E o contexto social no qual a barbárie é continuamente reiterada é o da indústria cultural hegemônica (ZUIN, 2001, p. 10).

Pela pungência dessa constatação, nos omitiremos de uma análise mais detalhada da atividade docente, de sua complexidade e de suas singularidades. O que a pesquisa realizada pretendeu evidenciar foi que a atividade docente nesse ambiente adquire uma semelhança ao trabalho operário do chão de fábrica, onde a autonomia cede espaço à automação e à repetição.

Dessa maneira, a pesquisa realizada constitui-se em um estudo de caso,⁴ que objetivou a análise de dois municípios do Noroeste paulista. Tais opções metodológicas visaram principalmente à exequibilidade da pesquisa, cuidando-se, no entanto, para que os municípios selecionados, por suas características, figurassem como casos exemplares da realidade das cidades de médio e pequeno porte em nosso país.

Com intuito de evitar quaisquer tipos de constrangimentos e evidenciar apenas a análise científica dos fatos denominaremos os municípios envolvidos apenas como M1 e M2.

O município denominado M1 possui população de 77.622 habitantes e conta com 11 escolas municipais de ensino fundamental, com 205 professores. E M2 possui população 6.951 habitantes e apenas 2 escolas de ensino fundamental, totalizando 34 docentes. (AMORIM, 2012, p. 97).

O primeiro passo realizado na pesquisa foi a constituição de uma amostra de voluntários, por meio de termo de consentimento livre e esclarecido, objetivando obter contato com 20% dos docentes atuantes no ensino fundamental da rede municipal de cada uma das cidades (totalizando 45 docentes). Para essa amostra foi entregue um questionário fechado⁵ que, além de dados gerais dos professores, evidenciou questões a respeito da utilização de sistemas apostilados de ensino.

⁴ “A denominação refere-se evidentemente ao estudo de um caso, talvez o de uma pessoa, mas também o de um grupo, de uma comunidade, de um meio, ou então fará referência a um acontecimento especial, uma mudança política um conflito...” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.155)

⁵ “Dentre as vantagens desse tipo de questionário padronizado – diz-se também uniformizado –, pode-se lembrar que se mostra econômico no uso e permite alcançar rápida e simultaneamente um grande número de pessoas, uma vez que elas respondem sem que seja necessário enviar-lhes um entrevistador. A uniformização assegura, de outro lado, que cada pessoa veja as questões formuladas da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhadas da mesma opção de respostas, o que facilita a compilação e a comparação das respostas escolhidas e permite recorrer ao aparelho estatístico quando chega ao momento da análise.” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 184).

A partir dos dados obtidos, reduzimos o número de entrevistados a uma amostra típica,⁶ esse segundo corte correspondeu a 25% dos docentes abordados inicialmente (totalizando 12 docentes). Os docentes nesse passo foram interrogados por meio de entrevistas parcialmente estruturadas.⁷ O objetivo dessa etapa da pesquisa foi evidenciar as práticas singulares dos docentes e revelar posturas comuns ou particulares que demonstrassem o nível de consciência e autonomia que o docente apresenta ao utilizar o material apostilado.

Os dados obtidos revelaram que os docentes entrevistados são, em sua maioria, experientes e possuem um nível de formação acadêmica acima dos percentuais nacional e paulista, pois 84% têm formação em nível superior, sendo que destes os que possuem licenciatura somam 77% do total. Os que se graduaram especificamente em pedagogia representam 57,5% do total. A pesquisa revelou ainda que 24% dos profissionais abordados concluíram cursos de pós-graduação, lato sensu, comumente conhecido como especializações.

Também foi constatado que 50%, dos entrevistados utilizam materiais apostilados em suas escolas sedes há sete ou oito anos.

Entre os dados obtidos, na primeira fase da pesquisa, destacam-se os itens relacionados à qualidade e às características do material apostilado que foram avaliados como razoáveis. Somente a qualidade de impressão do material e o suporte on-line foram avaliados como bons.

Quesito Avaliado	Alternativa de maior frequência	%
Qualidade de Impressão	Bom	55,6
Seleção de Conteúdos	Razoável	60
Organização e Disposição dos Conteúdos	Razoável	64,4
Clareza Legibilidade e Interpretação	Razoável	68,9
Pertinência e Coerência dos Conteúdos	Razoável	62,2
Nível de Dificuldade dos Conteúdos	Razoável	80
Possibilidade de Interação do Aluno	Razoável	80
Suporte Pedagógico	Razoável	53,3
Suporte On-line	Bom	48,9

Fonte: AMORIM, 2012

Esses dados confirmam a análise feita por Megid Neto e Fracalanza (2003), a respeito de materiais didáticos, onde afirmam que as melhorias feitas em edições didáticas se referem normalmente à correção de aspectos gráficos e visuais. Dessa forma, uma das primeiras constatações de nossa pesquisa foi a de que os materiais apostilados possuem

⁶ “[...] em que o pesquisador seleciona os casos julgados exemplares ou típicos da população alvo ou de uma parte desta [...]” (LAVILLE & DIONNE, 1999 p. 170).

⁷ Entrevistas cujos temas são particularizados e questões (abertas) preparadas antecipadamente. Mas com plena liberdade quanto à retirada eventual de algumas perguntas, à ordem em que essas perguntas estão colocadas e ao acréscimo de perguntas improvisadas. (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 188)

uma qualidade em muitos pontos questionáveis o que não se difere das demais produções do mercado de literatura didática, o que pode ser confirmado pela manifestação de mais de 60% dos entrevistados de que em relação aos livros didáticos as apostilas se apresentam como “mais do mesmo”.

Outro dado relevante, que pudemos obter, é a constatação de que embora os docentes afirmem que os materiais apostilados constituem apenas mais um aporte para o planejamento anual do trabalho docente, esse tipo de edição é empregado por 31,1% dos entrevistados em quatro dos cinco dias letivos da semana e por 40% em todos os dias letivos, preenchendo a maior parte do tempo das atividades em sala de aula. Nesse ponto, é bastante peculiar a constatação de que, mesmo usando o material diariamente, os docentes afirmam que é necessário suprir carências da apostila, por meio do emprego de materiais complementares e, ainda assim, mais da metade dos entrevistados declarou considerar a utilização das apostilas como um benefício para o trabalho docente.

Em relação ao rendimento dos alunos após a adoção de materiais apostilados, mais da metade acredita que o mesmo se manteve inalterado, assim como revelaram que caso as apostilas deixassem de ser utilizadas em suas escolas, não haveria grandes impactos no trabalho cotidiano. Conforme podemos visualizar na tabela 2

	Frequência	(%)
Com material apostilado seus alunos melhoraram o rendimento	10	22,2
não responderam	3	6,7
pioraram o rendimento	9	20
rendimento inalterado	23	51,1
Total	45	100

Fonte: AMORIM, 2012

Ao avaliarem a apostila em seu contexto geral, 62,2% dos docentes também disseram que a apostila é um material considerado razoável, seguidos de 31,1% que a consideram um bom material, e somente 6,7% consideram-na um péssimo material.

Nessa primeira fase obtivemos dados significativos, mas, em grande medida contraditórios, pois os docentes ao mesmo tempo em que apontam falhas e incoerências no material apostilado, afirmando que, sua interferência na aprendizagem das crianças e no cotidiano do ensino é mínima, asseveraram também que a apostila é utilizada na maior parte do tempo, e que a mesma se configura como um benefício para os docentes.

A segunda fase da pesquisa destinou-se a esclarecer algumas dessas questões. Nessa etapa entrevistamos 12 professores, que foram identificados como Professor 1, Professor 2 ... Professor 12.

Uma das primeiras questões reveladas, como demonstram os excertos a seguir, foi a de que a compreensão que os docentes possuem dos materiais apostilados e de sua utili-

zação está bastante atrelada a uma visão academicista de currículo (SACRISTAN, 2000). “Uma visão academicista seria aquela onde o currículo é concebido como organização de conteúdos pertinentes e úteis para a socialização do indivíduo” (AMORIM, 2012, p. 107).

“[...] Sistema Apostilado de Ensino significa um conjunto de conteúdos interconectados, de modo a formar um todo organizado” (Professor 1).⁸

“O Sistema de ensino apostilado tem o propósito de estruturar os conteúdos, permitindo uma aprendizagem de forma organizada, garantindo à rede de ensino a unificação do conhecimento” (Professor 2).

“Sistema Apostilado de Ensino é um conjunto de conteúdos ordenados, sistematicamente, baseados em uma proposta curricular comum” (Professor 5).

“É um sistema criado para facilitar o trabalho do professor, compactando todas as disciplinas em um só material” (Professor 7).

“O sistema apostilado vem para garantir a todos os alunos uma base de conteúdos estabelecida, como fundamental, em nível nacional, visando o desenvolvimento do aluno” (Professor 8).

Dessa maneira, os docentes acreditam que as apostilas têm a função de selecionar e organizar os conteúdos pertinentes à escolarização das crianças da série escolar ao qual o material se destina. É importante ressaltar que acreditam que os autores e editores de apostilas são considerados profissionais mais aptos que os docentes e técnicos atuantes nas redes municipais, para proceder a esse tipo de trabalho.

Outra questão levantada é que, ao se adotar os sistemas apostilados, a escola os aceita como parâmetro principal para o planejamento escolar, possibilitando até que essas edições didáticas ocupem o lugar dos parâmetros curriculares nacionais. O que entre outros aspectos revela a predileção das redes de ensino por diretrizes mais fixas e predeterminadas. “É neste sentido que afirmamos que os Sistemas Apostilados têm suplantado as Diretrizes Curriculares Nacionais, pois submetem os professores a uma única interpretação das normativas educacionais” (AMORIM, 2012, p. 111).

As falas reproduzidas a seguir ilustram essa questão:

“Durante a realização do planejamento anual, os professores se reúnem por série e utilizam o material apostilado como norteador para suas discussões e elaboração da proposta de ensino” (Professor 2).

“Como se vê, o sistema apostilado exerce grande influência sobre o planejamento” (Professor 3).

“O material apostilado é a coluna vertebral do planejamento e este gira em torno daquele” (Professor 6).

Essa segunda fase da pesquisa, nos propiciou esclarecer alguns pontos. O primeiro, é o fato do uso praticamente cotidiano da utilização dos materiais apostilados, sobre esse

⁸ As citações de respostas de professores foram reproduzidas sem qualquer correção, com o intuito de preservar a escrita original.

ponto pôde ser constatado que a extensão dos conteúdos, a cobrança dos pais de alunos e dos superiores, apresentam-se como o principal motivo. Em relação à avaliação razoável das apostilas e a eminente contradição de considerar esse material como benéfico, os docentes revelaram que possuem consciência das falhas presentes no material e que, em grande parte, essas falhas poderiam ser supridas por uma ação eficiente do professor, que tem flexibilidade para atuar da forma como achar mais produtiva. Isoladamente, um ou outro entrevistado revelou aspectos coercitivos de ordem hierárquica e econômica que levariam a essa realidade. Apesar destas constatações os docentes afirmam que as apostilas podem ser consideradas benéficas devido às seguintes características:

[...] direcionar os conteúdos; apoiar as atividades diárias; propiciar material para leitura e escrita; conter conteúdos organizados; possuir praticidade; ser utilizadas em todas as escolas da rede; controlar o trabalho docente prevenindo possíveis falhas; planejar previamente os conteúdos; ter amplitude de conhecimentos; conciliar texto e imagem em um material impresso; progredir os conteúdos com a complexidade adequada à linearidade tempo/espaço; possuir impressão atrativa para as crianças; ser descartável ao final do ano; possuir espaço para resolução de exercícios, ser de fácil manuseio. (AMORIM, 2012, p.114)

É interessante a observação de que os mesmos docentes que afirmam a possibilidade de flexibilidade da ação docente atribuir o sucesso da apostila a características eminentemente de controle e formatação do trabalho docente.

Corroboram para a compreensão desse fato as afirmações dos entrevistados, exemplificadas a seguir, por meio da fala do Professor 12, de que ao se utilizar a apostila o professor tem sua autonomia reduzida, mas eles acreditam que existe a oportunidade de driblar esse processo por meio da metodologia empregada na sala de aula.

“O material deve ser usado, porque há uma cobrança para que seja usado material, não necessariamente todos os dias, mas, o professor prepara suas aulas complementando suas aulas onde for preciso” (Professor 12).

Cabe ainda ressaltar que ao serem questionados sobre a possibilidade de escolha da utilização das apostilas, os entrevistados manifestaram-se favoráveis a esta prática.

Os docentes postularam que muitos professores são mal formados e que não possuem competência para selecionar, organizar e sequenciar conteúdos, assim como não desenvolveriam atividades com a devida propriedade. A apostila diante deste cenário seria uma garantidora do mínimo necessário ao cumprimento de um currículo comum para todas as escolas de uma rede de ensino. É preciso ressaltar que esta constatação, feita pelos entrevistados, sempre é dirigida a terceiros e nunca a si próprios, o que nos indica uma incapacidade de autorreflexão. (AMORIM, 2012, p.16)

Com base nesses dados, em muitos pontos contraditórios, buscamos aporte teórico para sua melhor compreensão.

Certos de que a utilização das apostilas, até mesmo para os docentes abordados, é feita sob o pretexto de garantir um controle sobre o trabalho docente, visando à manutenção de mínimos de qualidade, buscamos refletir sobre os principais teóricos que abordam a questão.

Para tanto, abordamos a teoria de Michel Foucault e sua demonstração de como a tecnologia política sempre esteve voltada ao controle disciplinar dos sujeitos; de Agnes Heller e sua análise marxista de como a heterogeneidade cotidiana suplanta os usos de si, controlando por meio da alienação os indivíduos; de Erving Goffman, que ao postular sobre o processo empreendido em Instituições Totais revela vários aspectos de nossa sociedade que, a exemplo das citadas instituições, visam alienar o indivíduo de sua própria personalidade para que possa integrar-se de forma controlada na sociedade; de Georges Lapassade, que apresenta a cisão entre dirigidos e dirigentes como eficaz mecanismo de controle da sociedade capitalista, apontando para a alternativa da autogestão; de Norbert Elias que discute o processo civilizador, onde o indivíduo é ao mesmo tempo matriz e produto da sociedade, onde a questão do controle não é unicamente externa, mas depende do controle das emoções, ou seja, do autocontrole, defendendo uma posição cíclica onde a sociedade determina o indivíduo ao mesmo tempo em que é determinada por ele.

A discussão desses posicionamentos distintos nos proporcionou a compreensão de diversos pontos de nosso objeto de estudo, no entanto, não nos possibilitou o entendimento de um ponto central: o processo pelo qual a utilização de uma mercadoria, altamente formatada e padronizante, gera uma grande aceitação entre os profissionais docentes que embora reconheçam seu poder de controle acreditam-se autônomos.

Para melhor compreender este processo buscamos apoio na teoria de Herbert Marcuse, em especial, na obra *Ideologia da Sociedade Industrial*, onde o autor demonstra como o advento do pensamento unidimensional⁹ propiciou uma verdadeira transformação nos mecanismos sociais de controle, onde “A dominação se transfigura em administração” (MARCUSE 1978, p. 49).

A análise da teoria de Marcuse nos permite observar que:

[...] seres administrados encontram-se submetidos a um sistema de controle e, no caso da administração, este sistema de controle age diretamente sobre as individualidades tutelando-as e subjugando-as a um estado de menoridade. Se tomarmos esta assertiva poderemos dizer que um indivíduo tutelado iguala-se a um servo, haja vista que o que constitui a escravidão é a impossibilidade de usufruir livremente de seu próprio corpo e de seu próprio intelecto. A diferença, porém, é que a escravidão explícita, que conhecemos historicamente, era baseada na subjugação física. A escravidão dos povos negros no continente tem sua origem na venda dos derrotados pela tribo rival. Comprados, os homens e mulheres sob jugo dos europeus, permaneciam na servidão sob o signo da chibata

⁹ “A linguagem multidimensional é transformada em linguagem unidimensional, na qual significados diferentes e em conflito não mais se interpenetram, sendo mantidos separados; a dimensão histórica explosiva do significado é silenciada” (MARCUSE, 1978, p.186).

e à sombra dos pelourinhos e dos frequentes açoitamentos e atrocidades, que em nosso país, por exemplo, foi testemunhado dentro das senzalas e casarões dos engenhos.

Já a dominação por meio de processos administrativos é velada por meio das falsas necessidades. Acredita-se que se está livremente escolhendo o que é mais pertinente, ou o que melhor atende aos desejos profissionais, sociais ou afetivos. Essa é a grande virada protagonizada pela sociedade industrial: a substituição da força pela administração. (AMORIM, 2012, p.60)

Essas constatações são bastante reveladoras, pois a análise das informações apresentadas pelos professores entrevistados mostra um quadro onde fica claramente evidenciado a tutela exercida pelos materiais apostilados sob os profissionais da educação, sendo elencado inclusive que as características eminentemente de padronização são a grande qualidade desse tipo de material que visa garantir os mínimos necessários.

Dessa forma, notamos que os professores acreditam que seja adequada a realidade onde a organização, seleção e sistematização de conteúdos são feitas por um material didático e não pelo docente que irá ministrá-lo.

Desse modo:

[...] constatamos que a flexibilidade que os profissionais alegam possuir restringe-se à determinação da dosagem dos conteúdos e atividades que devem ser trabalhados no bimestre letivo. Isto nos leva a concluir que não existe um exercício realmente autônomo da docência, pois se inviabiliza a possibilidade de experimentar outros caminhos. A contextualização do material apostilado que é descrita pelos professores se limita a complementar as atividades propostas ou a propiciar pré-requisitos para o efetivo preenchimento do material.

A situação torna-se problemática à medida que compreendemos que não experimentar outros caminhos pode significar aceitar irrefletidamente a ordem estabelecida. E aceitar a ordem estabelecida significa a impossibilidade do exercício negativo do pensamento reflexivo. Ao procederem dessa forma os docentes perdem a potencial reflexivo da profissão que passa a assemelhar-se com os demais ramos de atividade da Indústria Cultural. Ou seja, a escola que deveria ser um ambiente de promoção da cultura e do conhecimento se parece mais com uma linha de montagem que deve ter sua engrenagem constantemente lubrificada para que o padrão de produção não seja afetado. (AMORIM, 2012, p.140)

Com base nessas constatações propusemos o conceito de Docência Administrada.

“A questão da Docência Administrada nos leva à compreensão de que o ambiente escolar, por estar inserido em uma sociedade industrial, acaba por aderir à racionalidade técnica presente no seu entorno” (AMORIM, 2012, p. 90).

Pudemos, portanto, observar como a Administração Social e Docente propiciam uma disseminação da razão instrumental.

Ela é a razão no processo técnico, na operação, no saber aplicado. Reifica-se, coisifica-se. Eliminando toda dubiedade do pensar através de sua unidimensionalidade, ela se torna a ferramenta das ferramentas a serviço da produção material, da exploração do trabalho, dos trabalhadores. Seu objetivo é a reprodução ampliada do capital. O velho sonho de usar da ciência para explorar racionalmente a natureza a serviço da humanidade continua sendo um sonho. Os homens devem aprender a dominar completamente a natureza e através dela dominar os homens. Fora disso nada conta. (PUCCI, 2003, p. 25)

A adoção de Sistemas Apostilados de Ensino em Escolas públicas municipais inseriu, nessas instituições, mercadorias que propiciam a tutela dos profissionais da educação que têm suas atividades de seleção, adaptação e organização dos conteúdos, que compõem o currículo escolar, substituídas pelo material pré-formatado de manuais didáticos. Fato esse que corrobora com a disseminação da razão instrumental dentro de nossas escolas, focalizando o debate sobre a tecnologia educacional, onde os dirigentes das redes de ensino afirmam que uma boa apostila garante uma boa educação.

Dessa maneira, passa a existir uma estreita relação entre Currículo Escolar e a Indústria Cultural, tendo como principal consequência a efetivação do processo de Semiformação Cultural.

Compreende-se o conceito de semiformação justamente pela tentativa de oferecimento de uma formação educacional que se faz passar pela verdadeira condição de emancipação dos indivíduos quando, na realidade, contribui decisivamente tanto para a reprodução da miséria espiritual como para a manutenção da barbárie social. E o contexto social no qual a barbárie é continuamente reiterada é o da indústria cultural hegemônica. (ZUIN, 2001, p.10)

Desse modo, a principal contribuição da pesquisa que efetuamos e que apresentamos, de forma sucinta neste texto, foi a de refletir acerca dos atuais mecanismos de controle que incidem sobre a escola e conseqüentemente sobre o trabalho docente. Ao avaliarmos especificamente a inserção de sistemas apostilados de ensino em escolas públicas, pudemos vislumbrar como a ação sedutora de uma mercadoria tem propiciado, também na escola, a transmutação dos mecanismos de controle disciplinares em mecanismos de administração social, onde os indivíduos sentem-se livres e autônomos mesmo estando submissos aos ditames do mercado.

O que nos leva a concordar com Zuin (2001), ao afirmar que a todo momento somos coagidos a exercer atividades ditas livres. E essa máxima é possível porque somos administrados.

Não obstante a essa constatação, cabe-nos esclarecer que mesmo que a docência, sob o signo da apostila, esteja sob mecanismos de administração social, isto não impossibilita ou sepulta a possibilidade de autorreflexão-crítica. Isso é possível pelo que chamamos de crítica imanente ao objeto.

Trata-se de compreender como o objeto, de uma forma que não deixa de nos lembrar Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, já traz dentro de si sua própria

medida de avaliação, isto no interior de uma relação tensa consigo mesmo. A medida já está presente no objeto e pode ser identificada à condição de sermos atentos aos antagonismos que constituem o objeto e que o colocam em movimento. (SAFATLE, p.25, 2009).

Criticar de forma imanente a utilização das apostilas, e verificar a medida contida nelas mesmas de sua avaliação, minimamente conduziriam ao desvelamento dos processos de padronização existentes e proporcionariam processos de subversão em que os docentes ousassem proceder de outra maneira, que não fosse a apresentação de temas propostos por um material e a consequente resolução de exercícios.

Não foi o intuito da pesquisa e deste texto, que ora se apresenta, demonizar a utilização das apostilas e, conseqüentemente, não estamos neste momento fazendo mea-culpa.

Rejeitamos totalmente a ideia de os materiais apostilados terem um mínimo de conteúdos que garantiria a aprendizagem básica aos alunos independente das limitações do professor que esteja lecionando. Tampouco aceitamos a postulação de que o mínimo, oferecido pelas apostilas, libere o professor para criar incrementos ao material apresentado.

Acreditamos, no entanto, que o Material Apostilado, como ferramenta didática concreta e disponível para a prática docente pode – e deve – ser utilizado como subsídio para o processo de reflexão, tanto do professor quanto do aluno. Mesmo a condução de forma tradicional e/ou padronizada de determinado conteúdo ou atividade apresentado pela apostila pode ser utilizada pelo professor para desenvolver a criticidade do educando.

Assim como, cremos que é possível que em meio às propostas padronizadas e fragmentadas que, via de regra, são apresentadas nos Materiais Apostilados, podem haver atividades realmente fomentadoras de criticidade.

Embora não tenhamos, na pesquisa realizada, constatado docentes que procedam a uma crítica imanente às apostilas, e tenhamos confirmado nossa tese de Docência Administrada, não queremos propor ou decretar o fim da autorreflexão-crítica. Antes, reafirmamos e sugerimos a possibilidade de resistência.

Nessa perspectiva, fica o alerta que uma análise crítica da autonomia docente compreende o entendimento da Docência Administrada, para que cômicos desse processo possamos instaurar, como nos orienta Adorno, processos de autorreflexão crítica, de forma a romper com esse processo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **A Indústria Cultural**. In: COHN, G. (org.) Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade 4.ed. São Paulo: Nacional, 1987.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.

AMORIM, Ivair Fernandes de. **Indústria Cultural e Sistemas Apostilados de Ensino: A Docência Administrada**. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2012

AMORIM, Ivair Fernandes de. **Reflexões Críticas sobre os Sistemas Apostilados: Uma Análise da Utilização de Apostilas em Escolas Públicas Municipais**. 1. ed. Saarbrücken: NOVAS EDIÇÕES ACADÊMICAS, 2014.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Os processos de civilização e o controle das Emoções**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

DIONNE, Jean; LAVILLE, Christian. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 29. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

FRACALANZA, Hilário; MEGID NETO, Jorge. O livro didático de Ciências: Problemas e Soluções. **Ciência e Educação**, v. 9, n.2, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. 4 ed. Barcelona: Península, 1994.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”? (Aufklärung). In: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes; Raimundo Vier. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, Organizações e Instituições**. 3 ed. Trad. Henrique Augusto de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Tradução de Giasone Rebuá. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Círculo do Livro S/A, 1966.

SAFATLE, Vladimir. Adorno e a crítica da cultura como estratégia da crítica da razão. In: **Artefilosofia**. Ouro Preto, n.7, p. 21-30, out.2009.

Submetido em: 24-2-2015

Aceito em: 19-5-2015